

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1999). "O uso do futuro do pretérito no Português falado" in NEVES, Maria Helena de Moura (org.) **Gramática do Português Falado Vol.VII: Novos estudos**. São Paulo: Humanitas / FFLCH-USP; Campinas,SP: Ed. da UNICAMP, 1999: 673-697.

O USO DO FUTURO DO PRETÉRITO NO PORTUGUÊS FALADO

Luiz Carlos Travaglia
(Universidade Federal de Uberlândia)

1. Introdução

O objetivo deste estudo é observar o uso do futuro do pretérito no Português falado culto, buscando verificar como os falantes cultos do Português utilizam tal forma verbal. Não vamos tratar da flexão ou da forma, mas do uso textual da forma e dos valores que regulam seu uso e sua escolha para constituir um texto.

Para realizar o estudo utilizamos parte do “corpus” mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado e trabalhamos com os seguintes inquéritos:

| D2 | DID | EF |
|------------------------------|-------------------|-------------------|
| SP-360 (66 min.) | SSA 231 (46 min.) | SP-405 (35 min.) |
| POA 291 (80 min.) | RJ-328 (40 min.) | REC-337 (60 min.) |
| SP-59 (20 min.) ¹ | | |

No “corpus” analisado encontramos 76 (setenta e seis) ocorrências de futuro do pretérito, em 29 (vinte e nove) passagens.

Como se poderá observar, parece-nos, pela análise dos dados que os valores e empregos básicos dessa forma verbal na língua falada não apresentam nenhuma diferença fundamental em relação ao que se tem colocado nos estudos sobre a língua escrita. Talvez alguma diferença básica possa estar: a) em valores e empregos que aparecem só no escrito ou só no falado (não detec-

amos nenhum emprego neste caso); b) na frequência maior ou menor de certos valores e empregos em uma ou outra modalidade (escrita/falada). A confirmação dessa hipótese exige o estabelecimento de um elenco de valores e empregos e uma quantificação dos mesmos nas duas modalidades, usando um "corpus" suficientemente amplo e representativo das diferentes circunstâncias em que cada modalidade é empregada e, portanto, das variedades de dialeto e registro dentro de cada modalidade. Portanto tal estudo parece não poder ser feito apenas com o "corpus" do Projeto de Gramática do Português Falado que se restringe à língua falada culta e a certos tipos de inquéritos que não permitem a ocorrência de diversos tipos de interação oral, em que certos usos poderiam aparecer. Este é sem dúvida um projeto muito vasto e que não representava nosso objetivo neste estudo.

2. Sobre o valor do futuro do pretérito

2.1. Tradicionalmente as gramáticas apresentam o futuro do pretérito como um tempo que é empregado:

a) para exprimir uma situação² passada, presente ou futura como posterior a um momento que pode ser representado por outra situação, data etc. ou como diz Cunha (1972:316) "para designar ações posteriores à época de que se fala". Para Said Ali (1964: 164) o futuro do pretérito "exprime fatos inexistentes, mas realizáveis posteriormente à época de que se fala"

- (1) a – Em 1980 meu irmão se casou, dois anos depois se **separaria** da mulher.
b – Se não tivesse morrido, meu irmão **teria** hoje trinta anos.
c – João afirma que **estaria** melhor se tivesse estudado.

b) "para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados" (Cunha, 1972: 316). Para Said Ali (1964: 164) essa incerteza é expressa pelo futuro do pretérito para os fatos passados, pois para os fatos presentes ela seria expressa pelo futuro do presente. Said Ali chama este emprego de futuro problemático.

- (2) a – **Seria** mais ou menos meia noite quando saíram da festa.
b – Seu irmão **teria** naquela época uns cinco anos.
c – **Haveria** naquela passeata cem mil pessoas.

c) “como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo” (Cunha, 1972: 316) ou como diz Bechara (1968: 339) o futuro do pretérito denotaria “asseveração modesta em relação ao passado” (veja exemplo 3c) (cremos, por um exemplo dado: cf. 3d, que se trata também de presente).

- (3) a – **Gostaria** que você convidasse o João para sua festa.
b – Você **seria** capaz de guardar um segredo?
c – Eu **teria ficado** satisfeito com um pouco de atenção.
d – Nós **pretenderíamos** saber a verdade.
e – Você me **faria** um favor?

Observe-se que nestes casos podemos sempre postular a presença de uma condição pressuposta e perfeitamente deduzível de modo que não precisa ser explicitada, a saber: a e d) se eu puder lhe pedir isto/se for possível/se houver possibilidade/se eu(nós) puder(mos); b) se eu lhe contasse; c) se você me tivesse dado; e) se eu lhe pedir.

d) “em certas frases interrogativas e exclamativas, para denotar surpresa ou indignação” (Cunha, 1972: 316)

- (4) a – **Teria** meu próprio irmão **roubado** meu anel? **Seria** ele o ladrão?
b – **Seria** possível tanta traição?

Aqui nos parece que a surpresa ou indignação é dada pela entonação e pelas circunstâncias e não pelo futuro do pretérito que ficaria mais responsável pela incerteza, permitindo ao falante deixar no ar o fato de que se recusa a, que lhe custa acreditar naquilo que diz. Portanto não teríamos um valor diferente do arrolado em b acima.

e) “nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão.” (Cunha, 1972: 317) ou como diz Said Ali (1964: 165) “para caracterizar as asserções condicionadas”, quando “se alude a fato que não se realizou e provavelmente não se realizará”³ ou segundo Bechara (1968: 339) “para denotar que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição”

- (5) a – Se eu tivesse dinheiro, **compraria** um carro novo.
b – Se me oferecessem o emprego, eu **aceitaria**.
c – Nossa vida **seria** insuportável sem o auxílio da fé.

Para o futuro do pretérito composto ter-se-ia os seguintes empregos:

f) “para indicar que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição” (veja ex. 6a) ou “para exprimir a possibilidade de um fato passado” (veja ex. 6b-d)(Cunha, 1972: 317)

- (6) a – **Teria sido** melhor se ele não tivesse casado.
b – **Teria sido** melhor se ele não soubesse?
c – **Teria sido** melhor casar com Tereza?
d – **Encontraria** ele sua casa sem a minha ajuda?

Parece-nos que o primeiro emprego é o mesmo dado em e para o futuro do pretérito simples, com a diferença de que com o composto só se poderia ter passado. Já o segundo emprego seria uma variação do valor registrado em b e que não se limita ao futuro do pretérito composto (cf. exemplo 6c).

g) “para indicar a incerteza sobre fatos passados, em certas frases interrogativas que dispensam a resposta do interlocutor” (Cunha, 1972:317). Said Ali (1964:165) diz que este é um uso do futuro problemático (veja b acima) que “é linguagem polida que não obriga o interlocutor a responder” e compara com o pretérito perfeito que obrigaria a uma resposta (veja ex. 7b). Observe-se que para Said Ali não é um uso particular do futuro do pretérito composto.

- (7) a – **Teria** o meu sócio **levado** os contratos?
b – Quem **levaria** a bengala?/Quem levou a bengala?

(Said Ali, 1964: 165)

A dispensa de resposta parece não ser um fato decorrente do uso do futuro do pretérito (temos perguntas com outras formas verbais de caráter puramente retórico), mas com a situação de interação. O valor seria mesmo o da incerteza, o que faz com que este emprego possa ser reunido ao de b.

h) um valor específico do futuro do pretérito composto é a expressão de hipóteses passadas contra factuais, ou seja, sem possibilidade de realização, pois a condição não se verificou.

- (8) Se você **tivesse contado** para o chefe que perdi o documento ele **teria** me **despedido**.

Em oposição a outros tempos como o pretérito imperfeito (cf. 9A) e o futuro do presente (cf. 9B – aqui, além da modalidade, o tempo é diferente) o futuro do pretérito indicaria algo como apenas provável em oposição a algo mais certo.

(9) A) a – Se você não me ajudasse, estaria perdido.

b – Se você não me ajudasse, estava perdido.

B) c – Sem a sua ajuda estarei perdido.

d – Sem a sua ajuda estaria perdido.

Como se pode observar todos estes empregos se englobam em alguns valores básicos, que elencamos em (10):

(10) a) expressar situação posterior a um momento de que se fala, seja este representado por outra situação ou não;

b) expressar situação cuja realização provável é condicionada a outra. Neste caso pode-se apresentar a situação como realizável (com o futuro do pretérito simples) ou como irrealizável (com o futuro do pretérito composto);

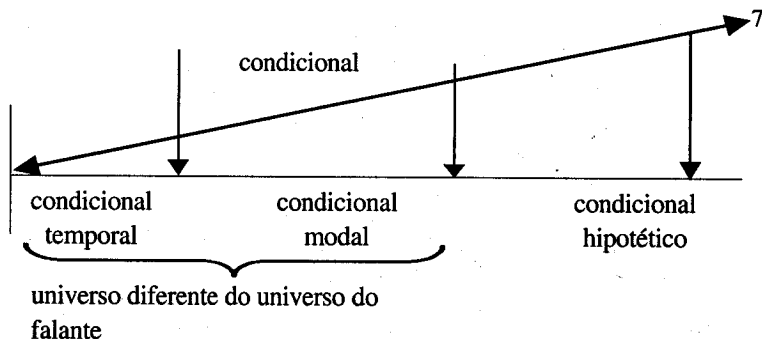
c) expressar incerteza (dúvida, hipótese, suposição, probabilidade). Quando a frase é interrogativa pode-se complementarmente ter as idéias de “levantamento de possibilidade” e de “não obrigação de resposta do interlocutor”;

d) forma polida de solicitação direta ou indireta (esta pela expressão de desejo).

Como observamos anteriormente, a forma polida de solicitação ou expressão de desejo é na verdade resultado de uma construção condicionada em que a condição não se explicita por ser pressuposta e inferível. Assim, considerando (10d) uma variação derivada de (10b), os valores ficariam reduzidos a apenas três.

2.2. Corôa (1985) tem como preocupação primeira a interpretação semântica dos tempos verbais. Partindo das proposições de Reichenbach e diversos autores que seguiram sua proposta para descrição dos tempos e valendo-se de três momentos⁴ que para tais estudiosos e para ela são “relevantes para a distinção dos *tempora* de uma língua natural”, diz que no estudo dos futuros (do presente e do pretérito) “não se pode ignorar a importância das

oposições modais” que “jogam com a virtualidade inerente ao vir-a-ser”. Para ela (p. 55-61), seguindo Martin e Nef (1981)⁵, o futuro do pretérito (que é chamado de condicional), ao contrário do futuro do presente que parte de mundos possíveis para um mundo que é, “inscreve o processo em um vir-a-ser carregado de incertezas”, restrito à conjetura, com numerosos empregos modais, partindo “de uma base temporal mais possível de ser, para um mundo altamente hipotético, passando pelo modal”, o que é representado pelo esquema abaixo:



O futuro do pretérito teria uma representação como a de (11), na qual o símbolo “-” indica não simultaneidade e seria bem representado por exemplos como os de (12), dados pela autora.

(11) MR-MF-ME

(12) a – O garoto viria mais cedo. (José disse que o garoto viria mais cedo)

b – Na mangedoura nascia (nasceu) aquele que viria a ser (seria) o salvador do mundo.

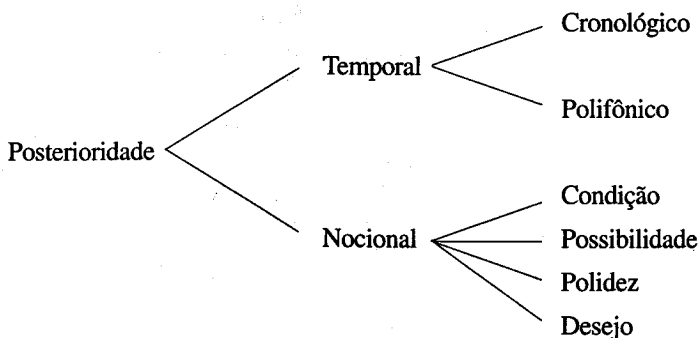
Parece-nos que a melhor representação para estes exemplos é “MR-ME-MF”, pois neles o evento é anterior à fala. A explicação que este modelo dá para as interpretações ditas modais e hipotéticas se baseia na virtualidade do vir-a-ser. Parece-nos que esta explicação não seria a melhor, uma vez que há casos em que a situação já é realizada. Talvez o melhor seja explicar pelo valor de posterioridade a um dado momento que propomos abaixo.

O trabalho de Corôa, se além ao plano da frase e não se preocupa com o plano do texto que é central neste estudo.

2.3 – Em Travaglia (1991: 130-131 e 169-174), tratando do funcionamento textual discursivo das formas e categorias verbais, propusemos que o valor básico do futuro do pretérito é marcar **posterioridade** de uma situação em relação a outra ou a um momento dentro do texto e que desse valor derivam seus outros valores. Portanto o futuro do pretérito é essencialmente um seqüenciador, dentro do texto.

A posterioridade marcada pelo futuro do pretérito é de natureza diversa da posterioridade estrita ao momento da fala (embora esta possa ocorrer com o futuro do pretérito), que caracteriza o tempo futuro (indicação de uma situação como tendo ocorrência posterior ao momento da fala) que é expresso pelo futuro do presente e também por outras formas verbais como o presente do indicativo. Assim poderíamos dizer que a posterioridade do futuro (do presente) é uma posterioridade dêitica, enquanto a do futuro do pretérito é de outra natureza, pois é a indicação de posterioridade a um momento (representado ou não por outra situação) que pode eventualmente coincidir com o momento da fala.

A **posterioridade**, que é o valor básico do futuro do pretérito, pode ter duas naturezas distintas: uma temporal e uma nocional. Temos portanto dois valores: uma posterioridade temporal e uma posterioridade nocional. A posterioridade temporal se subdivide em dois valores: um cronológico e o valor polifônico do futuro do pretérito. A posterioridade nocional se subdivide em quatro valores: a condição, a possibilidade, a polidez e o desejo. Portanto temos:



Por apresentar sempre uma situação como posterior a um momento X de que se fala (representado ou não por outra situação), o futuro do pretérito

sempre apresenta a situação como tendo, neste momento (que fica sempre como um momento de referência), uma realização virtual e daí derivam os seus valores ditos modais. Ou seja, a situação expressa pelo futuro do pretérito é “sempre vista como não realizada no momento X, derivando daí um valor de irrealidade da situação neste momento. No passado, a situação pode ser irreal em X, mas realizada posteriormente e antes do momento da enunciação e portanto real neste momento. Se a situação não pode ser real no momento da enunciação ou porque uma condição anterior não se realizou ou porque sua realização é posterior a esse momento”, valores como o de condição e possibilidade, desejo, polidez (com nuanças de incerteza, dúvida, hipótese, probabilidade) aparecem⁶.

Vamos a seguir comentar sobre cada um destes valores e como eles apareceram no “corpus” analisado. Para facilitar as referências elencamos as 76 (setenta e seis) ocorrências de futuro do pretérito no “corpus” analisado, em 29 (vinte e nove) passagens e vamos nos referir a cada ocorrência pelo número da passagem neste elenco, seguido de uma letra, quando houver mais de uma ocorrência numa passagem. As quantificações feitas sobre estas ocorrências aparecem no quadro 1, em que as ocorrências estão divididas de acordo com o tipo de inquérito em que apareceram e de acordo com o valor que apresentam.

QUADRO 1

| | | D2 | DID | EF | Total | |
|--|---------------|-------------|--------|--------|--------|--------|
| P O S T E R I O R I D A D E | Temporal | Cronológico | – | – | 9/24 | 9/76 |
| | | | | | 37,5% | 11,84% |
| | | Polifônico | – | – | – | – |
| | Nocional | Condição | 26/40 | 8/12 | 8/24 | 42/76 |
| | | | 65% | 66,67% | 33,33% | 55,26% |
| | | Polidez | 3/40 | 4/12 | – | 7/76 |
| | | | 7,5% | 33,33% | | 9,21% |
| | Desejo | 4/40 | – | 1/24 | 5/76 | |
| | | 10% | | 4,17% | 6,58% | |
| | Possibilidade | 7/40 | – | 6/24 | 13/76 | |
| 17,5% | | | 25% | 17,11% | | |
| Número de Ocorrências | | 40/76 | 12/76 | 24/76 | 76/76 | |
| por tipo de inquérito | | 52,63% | 15,79% | 31,58% | 100% | |

O valor de **posterioridade temporal cronológico** aparece sobretudo em trechos narrativos sobre eventos passados. Nestes casos o momento X a que a situação no futuro do pretérito é posterior está expresso no co-texto. Mas se temos este valor sem narração nem sempre o momento X está explícito mas pode ser inferido. São exemplos deste valor (13b,c,d,e), (14d,e) e (15a,b,d). Em (13b,c,d,e) a situação é posterior a “prometi”, em suas diversas ocorrências em trechos de narração passada. Em (14d,e) a posterioridade é a um momento não explícito no co-texto, mas deduzível, algo como: “depois de explicar tudo isto eu perguntaria e vocês responderiam”. Observe-se que não temos uma narração passada, mas a colocação de uma probabilidade de acontecimento. É o mesmo que acontece em (15a,b,d), onde teríamos momentos X inferíveis tais como: “depois de dizer isto você colocaria” (15a), “depois de perguntar o que estuda a sociologia do direito eu poderia perguntar também o que estuda a sociologia jurídica” (15b) e “depois de eu explicar tudo o que expliquei alguém já poderia me dizer” (15d).

(13) Inf.- portanto temos entre oito nove grupos... no máximo... talvez eu tenha deixado algum grupo ... de fora... contei também o número de estudantes... quarenta e um... e: eu tenho quase certeza embora não tenhamos a lista... que vocês: são... no total cinquenta e um... quer dizer sempre tá faltando... não é? um pouco... então eu **gostaria** (13a) que a presença fosse... mais: compacta... melhor... prometi também que a aula de hoje **seria**... (13b) alguma coisa... num **é**? liga:da a esse estudo que vocês fizeram... e prometi... também... prometi também... que: **diria** (13c) a vocês se... eu **iria** (13d) exigir cobrar... algo do que vocês já fizeram... e que **deixaria** (13e) isso para dizer hoje... pois bem... não vou pedir por escrito...

(NURC/REC-EF 337 l. 11-25)

(14) Inf.- eu acho importante bem importante mesmo... essa complementariedade embora os sociologistas... não é o sócio os sociólogos do direito não... os sociologistas... não é? entre aspas... do direito... sendo mais radical:is então **diriam** (14a) não há de jeito nenhum complementariedade... a mesma coisa o filósofo do direito... **diria** (14b) eu não tenho na:da a ver com a dogmática jurídica... e também não: para não dizer e muito menos ... com os sociólogos do direito... e ainda... o pessoal da dogmática jurídica também... **faria** (14c) a mes:ma... coisa... pensando... sociologia jurídica é uma coisa filosofia é outra... NADA tem a ver... uma com a outra... então... sociologia

do: direito... ou sociologia jurídica... eu **perguntaria** (14d) agora e vocês já **poderiam** (14e) responder... João... existe uma diferença... entre sociologia jurídica e sociologia... do direito?

(NURC/REC-EF 337 I. 142-156)

(15) Inf.- mas eu mas eu coloco um pouco mais... justifique... então aí João se você justificar da maneira... como você me responde:u... eu coloco correto... porque você disse PARA ALGUNS auto:res... ou alguns estudiosos... existe diferença... MAS:... para outros ou na minha opinião... não existe diferença... tal... motivo ou tais motivos... aí você **colocaria** (15a) por exemplo... que para você:... é sinônimo... ou são sinônimos... e para outros não... então... esse é um aspecto... voltando a complementariedade... o primeiro vamos dizer assim aspecto importante para entender essas três... perspectivas é isso... é notar... que quan:do... eu pergunto... o que estuda a sociologia do direito eu **poderia** (15b) perguntar também o que estuda a sociologia jurídica e eu **estaria**... (15c) fazendo a mes:ma pergunta... não importa se sociologia jurídica ou sociologia do direito... e o que estuda isso... alguém já **poderia** (15d) me dizer?

(NURC/REC-EF 337 I. 181-196)

O valor de **posterioridade temporal polifônico** parece ser próprio do discurso relatado, de uma fala em que alguém vai contar algo que outrem disse, mas sem se responsabilizar pela certeza de que o discurso relatado realmente ocorreu. O momento X a que a situação no futuro do pretérito seria posterior é uma condição que justamente coloca em dúvida a validade/existência do discurso relatado: “se for verdade o que/que falou, (disse que) teria provas do envolvimento do presidente do banco neste desfalque”. (Se isto aparecesse) Em uma notícia de jornal (isto) apareceria numa forma como: “O promotor teria provas do envolvimento do presidente do banco no desfalque”. Normalmente isto ocorre porque o produtor do texto toma o discurso relatado de segunda mão e não quer se comprometer com sua validade. Mesmo no relato de fatos, se o falante põe o futuro do pretérito para marcar seu não comprometimento com a verdade do relato, é porque ele não assistiu aos fatos e está colocando-os na responsabilidade de outrem como num discurso indireto num cruzamento de construções como as de (16a,b), resultando em algo com uma condição subtendida como em (16c,d)⁷.

(16) a – O delegado disse: João foi morto pelo irmão.

- b – O delegado disse e se for verdade o que ele disse João teria sido morto pelo irmão.
- c – João teria sido morto pelo irmão segundo o delegado (se for verdade o que este disse).
- d – (Se for verdade o que o delegado disse) João teria sido morto pelo irmão. Em um texto como: João foi morto anteontem com três facadas. A polícia está investigando o caso. Há suspeitas de que ele (João) teria sido morto pelo irmão.

Nestes casos, a idéia de não comprometimento do falante com o que está dizendo derivaria da realização virtual que o futuro do pretérito atribui à situação, devido a sua marcação de posterioridade.

Na **posterioridade nocional** a situação expressa pelo futuro do pretérito é posterior a um momento X (representado por outra situação ou não), mas não uma posterioridade no tempo, é uma posterioridade do tipo lógico em que temos noções tais como: causa —> consequência, condição —> condicionado em que a situação no futuro do pretérito é sempre a consequência, o condicionado e o momento X a que ela é posterior é a causa, a condição (representada por uma causa propriamente dita, um fim ou uma condição). De acordo com a forma como este tipo de momento X é apresentado temos os diferentes valores daí derivados: condição, possibilidade, polidez, cortesia, todos com as nuances de incerteza, dúvida, probabilidade, hipótese. Estes valores é que geram os usos do futuro do pretérito habitualmente chamados de **modais**. Em todos os casos de posterioridade nocional do futuro do pretérito parece sempre ser possível perceber uma posterioridade temporal de base como se o valor nocional fosse uma metáfora do temporal.

O valor de **posterioridade nocional condição** apareceu no “corpus” analisado nas seguintes ocorrências: (14 a,b,c), (15c), (17a,b,c,d,e,f,g), (18c), (19a,b,c,d), (20a,b,c,d,e,f), (21b), (22), (28b,c,d,e,f,g), (29b), (30c). Neste caso a condição a que o futuro do pretérito é posterior pode estar marcada explicitamente no co-texto como uma condição (veja 19b,c,d) ou vir no co-texto, mas não explicitamente como condição (com marca de condição) e ter que ser inferida como condição. Veja (17a,b,c,d,e,f) em que as condições formam uma verdadeira cadeia:

“se houvesse aumento de vencimentos, haveria uma promoção”

“se houvesse a promoção, eles passariam para o nível dois”

“se passassem para o nível dois abriria mais vagas/ formariam mais ou menos mil vagas”

“se formasse mais ou menos mil vagas, seriam... seria o concurso para as cem vagas”

“se fosse (fizesse) o concurso entraria o pessoal novo como nível um...”

Como se pode observar em (17) cada situação é posterior a outra e pode-se perceber que todas em se realizando seriam cronologicamente ordenadas, mas aqui temos apenas a hipótese e a posterioridade é nocional e não temporal. Em (18c) temos o mesmo caso de condição inferida como tal: “se eu fizesse orientação educacional, eu acho que me realizaria mais”. Do mesmo modo em (20e,f) (com a tecnologia hoje por exemplo, a serviço integralmente = se usar a tecnologia que tem hoje integralmente a serviço da produção de alimentos, não teria problema nenhum, seria bem resolvido o problema) e em (21b) (“se tivesse piscina/condições, seria a natação) e muitos outros exemplos. Em (19a) (“para ser roupa de praia descontraída livre ela precisaria digamos, normalmente (ser) uma roupa leve”) e (22) (“para mostrar que não é propriamente uma ciência que se chama ciência normativa o que é que vocês diriam”) a condição nocional é dada por uma finalidade. Em (14a) (os sociólogos do direito sendo mais radicais então diriam não há de jeito nenhum complementariedade), temos a causa como momento X na posterioridade nocional. O mesmo pode-se dizer de (14b,c), embora nestas ocorrências se considerarmos a condição “se você perguntasse” (inferível da situação mas não do contexto) teríamos um caso de posterioridade nocional de possibilidade.

(17) L2- enquanto nã/não for ser resolvido esse projeto não o projeto que tem... sabe? para os procuradores uma lei... nossa uma regulamentação nossa

L1- sei

L2- e isso:: éh significa um aumento de vencimentos... e e:: além de que... da/dentro do aumento de vencimentos **haveria...**(17a) uma promoção de todo o pessoal que está agora...

L1- certo...

L2- (porque) o:: pessoal que está agora começa com vinte a:: vinte bê:: e assim vai indo

[

L1- certo

L2- então todos esses... a partir de vinte a e vinte bê... que é o nível... atualmente mais baixo... tá? são os soldados rasos como a gente conta

L1- uhn...

L2- eles **passariam** (17b) para nível dois...

L1- certo

L2- e aí aí aí então a/abri/a... **abriria**... (17c) mais vagas

L1- certo

L2- quer dizer então que nessa altura se **formariam** (17d) mais ou menos umas mil vagas que **seriam**... (17e) **seria** (17e) o concurso para as cem vagas que **entraria** (17f) o pessoal novo como nível um...

L1- certo então enquanto não...

L2- então é

L1- for

[

L2- (porque se) não tem vagas

[

L1- estruturado esse projeto

L2- não há há possibili/não não pode ser feito concurso porque não tem vagas...

L1- certo

L2- do pessoal que está sendo promovido...

L1- ()

L2- por semestre que **seria** (17g) a promoção normal... de qualquer funcionário... ah não não há vinte vagas ainda...

L1- ah:: então não tem como

[

L2- então não pode ser feito um concurso...

(NURC/SP-D2 360 l. 519-556)

(18) L1-mas é que daí eu terei tempo disponível para fazer coisas extras

[

L2-

(para)

L1- não é?

Doc. o que a senhora **gostaria** (18a) de fazer?

I

L2- (o que a senhora)

L1- eu... **gostaria** (18b) de fazer orientação educacional... sabe?... eu gosto eu leio... sobre isso e eu acho que me **realizaria** (18c) mais... como orientadora do que como professora quer dizer a professora ela... no fundo ela é uma orientadora... porque:: quase sempre ela É procurada pelos alunos... quando surgem os problemas não é? então... mas eu acho que um:: trabalho assim... DE gabinete.. eu **gostaria** (18d) mais sabe? ... então... futuramente eu pretendo... reiniciar os estudos... mas por enquanto não

(NURC/SP-D2 360 I. 1232-1247)

(19) Doc.a maneira de vestir na praia e a maneira de vestir na cidade.

I1- praia é totalmente descontraída livre, sem fala(r) na roupa de banho, falando de praia, não de banho, claro, banho não interessa.

I2- a roupa de banho, acho que ela acompanha

I1- é roupa esporte

I2- a evolução natural da moda

I1- ela **precisaria** (19a) digamos, normalmente

I2- (superposição) e não faz sentido que seja diferente porque

I1- uma roupa leve

I2- se o homem não vestisse como veste hoje, ou a mulher, se a mulher não vestisse como veste hoje, não **haveria** (19b), ele **iria** (19c) lá na, na praia e usaria por exemplo um biquini ou monoquini que é o mais agora a tanga, mais monoquini é o mais assim digamos de causa(r) sensação.....

(NURC/POA-D2 291 I. 1089-1102)

(20) I1- atualmente a população do mundo atualmente é na ordem de três a quatro bilhões, mais ou menos isso.

I2- sim

I1- bom, uma ocasião eu li um livro dum, dum especialista alemão nesse assunto, então ele prevê até o ano dois mil, claro que essa previsão sempre em

condições normais, não havendo uma guerra né, total ou qualque(r) coisa assim, nesse gênero, ou uma epidemia, enfim, em condições normais, então, **passaria** (20a) talvez até um pouco do dobro, **passaria** (20b) a sete e meio talvez a oito bilhões isso até, até o ano dois mil.

I2- (ininteligível)

I1- até o título do livro é "Corrida para o ano dois mil", bom, se o homem tive(r) pão, tiver alimento até lá, tudo vai bem, agora então ele faz um alarde do da alimentação, e tem muitos especialistas que são, que são negativos quanto a quanto a esse ponto, então ele faz uma análise de todo o potencial que existe na, superfície, na superfície da terra **daria** (20c) pra alimenta(r) trinta bilhões, trinta e não oito, trinta, porque se acredita que vai estabiliza(r) esse crescimento chegando na ordem dos vinte e cinco a trinta bilhões, estabiliza não pode mais, então, aí, vai fica(r) naquilo e que **teria** (20d) , sem toca(r) no fundo do mar, sem tocar os oceanos, viver com o que sobra. Atualmente com o, com a, com a tecnologia hoje por exemplo, a serviço integralmente, não **teria** (20e) problema nenhum, **seria** (20f) bem resolvido o problema, mas sempre surgem outros problemas de ordem política... são as guerras... e são isso

(NURC/POA-D2 291 l. 1500-1526)

(21) Doc. qual é digamos assim o esporte que você:: **aconselharia** (21a) (ao) tipo de crianças conforme... os primeiros anos do curso primário criança do curso secundário

L1- ah bom qualquer tipo de esporte é válido... viu? agora o esporte... que melhor pro organismo... por causa de todos os músculos e (tu) é a natação... então É difícil nas escola... as criança praticarem natação porque não tem escola com piscina... raras são as escolas que tem piscina ... né?... aqui pelo menos (é o) Instituto Normal... tem piscina quando eu estudei eu já ia às aula agora... acho que só ele porque::... nem os outros não tem

[

Doc.

eles não têm

condições ()

L1- não tem piscina... **seria** (21b) A natação o melhor exercício para a criança... ainda mais criança que tem problema respiratórios...

(NURC/SSA-DID 231 p. 10)

- (22) Inf.- para mostrar: que... não é propriamente uma ciência que se chama ciência normativa... o que é que vocês **diriam** sobre isso? quem encontrou: uma resposta... que encontre como satisfatória... para os demais...

(NURC/REC-EF 337 l. 474-478).

O valor de **posterioridade nocional de possibilidade** é muito próximo do valor de posterioridade nocional de condição. A diferença parece estar em que a condição que representa o momento X a que a situação no futuro do pretérito é posterior é inferida não de elementos do co-texto mas de um conhecimento de mundo e/ou da situação. Este valor aparece em (20c,b,d,e,f), (23), (24), (25), (26), (27), de que podemos destacar alguns exemplos de condições inferíveis não do co-texto:

- (23) “I elas intão (se falaram) já deveriam tá ó(lha) pur dentru da situação”
(24) “reeducação não mas (se eu quisesse definir melhor) seria exercícios com a fonoaudióloga”
(25) “mas nem seria possível (se eu quisesse)”
(20c) “faz uma análise de todo o potencial que existe na, superfície, na superfície da terra (que se usado) daria pra alimenta(r) trinta bilhões”
(26) “independente do que ele é... como ele deveria ser (se fosse o ideal)”
(27) “qual seria (se pudéssemos determinar) o motivo pelo qual eles começaram a pintar ou a esculpir estas formas”

- (23) L - ... intão, a Tereza falô assim: “é u Vanderlei, né?” Eu dis(se) qui é. Aí, “eu vi eli quinta-feira conversandu c’uma minina lá na floricultura”, né? Mais eu num liguei.

E - I elas intão já **deveriam** tá ó(lha) pur dentru da situação!

L - Não. Num tavam.

(NURC/SP-D2 59 p. 1 l. 30-35)

- (24) L2- depois eh:: terça e quinta... a menina faz fonoaudiologia porque ela está com três anos e pouco... e ainda não fala... fala muito pouco... então ela faz... reeduca/... reeducação não mas **seria**... exercícios... com a fonoaudióloga para ver se:.... se começa a falar mais rapidamente...

(NURC/SP-D2 360 l. 103-108)

(25) L1- mas::... trabalhava al/no albergue noturno...

L2- ahn

L1- eh como assistente social sabe? embora não...

[

L2- sei

L1- não tivesse curso

L2- uhn

L1- mas::... fazia o atendimento do pessoal... encaminha::va... e::... depois então eu tive que deixar... fui obrigada a deixar dada a dificuldades... em casa

[

L2- mas nem:: seria possível

[

L1- não

L2- né? ()

[

L1- de jeito nenhum e quando eles são pequenos

[

L2- ahn

L1- mais dificuldades a gente tem para... pessoal... para servir né?

(NURC/SP-D2 360 l. 431-446)

(26) Ir - e finalmente... a terceira perspectiva... a filosófica... ou como nós colocamos... filosofia do direito... o que estuda?... estuda o fenômeno jurídico... a-pro-fundan: do... a partir... dos conhecimentos... científicos... ou da própria dogmática... do direito... esse fenômeno/... então novamente... a filosofia do direito... é nada mais do que... um tipo de estudo... um conhecimento... que aprofun:da mais: aqueles outros DOIS... seja um conhecimento num é sociológico... ou conhecimento... normativo... lógico-normativo... vamos dizer que o conhecimento... da filosofia do direito num é? sobre o fenômeno jurídico... ele transcen:de... à pesquisa... isso significa... daí não haver o rigor no estudo... ele vai além: de... ele diz como o comportamento deve ser... independente do que ele é.. como ele **deveria** ser... vocês realmente estão percebendo gente? tão compreendendo mesmo?

(NURC/REC-EF 337 l. 434-450)

- (27) Inf.- ... bom... então primeiro em nível de tema... a seguir... qual **seria**... o motivo pelo qual... eles:... começaram a pintar ou a esculpir... estas formas...
((vozes))

(NURC/SP-EF 405 l. 150-153)

O valor de **posterioridade nocional de polidez** aparece em (18a), (21a), (28a), (29a), (30a,b) e (31) em que temos perguntas polidas do documentador que não obrigam à resposta ou pedidos, solicitações e que têm condições pressupostas tais como “se posso perguntar.....”, “se eu pudesse saber gostaria que me dissesse”, “se eu lhe perguntasse”, “se eu lhe pedisse” ou algo parecido. A condição pressuposta aparece pelo uso do futuro do pretérito e este uso teria a função de preservar as faces na interação conversacional.

- (28) Doc.- Você falou em:: carreira... boa para a mulher né?

L2- ahn ahn

Doc.- que tipo de carreira... fora de casa... **seriam** (28a) digamos conveniente...

L2- olha ah o ti/ o ti/ ah o especificamente o tipo de carreira ah eu acho que isso **seria** (28b) qual/ qualquer uma () quer dizer:: o o: lado... de ciências mais human/ ah de o lado humano o ou de:... ciências exatas como chamava-se no MEU tem::po ((risos))

[

L1- ()

L2- né? quer dizer eu acho que isso in/independência (28c) da da... **variaria** (28d) de acordo com a com a::... com o dom de cada pessoa com o interesse de cada pessoa né? mas eu acho o problema PArá... a mulher... dona de casa a mulher-mãe a mulher-esposa... é o problema de horários de adaptar a carreira... com... a a::

[

L1-

a casa

L2- com a casa com a administração da casa

[

L1-

do lar

L2- principalmente com o: fato de ser mãe e aí a coisa complica muito... então tem carreiras que **seriam** (28e) brilhantíssimas para a mulher que **seriam**

(28f) lindas... ma/mas aí de um dos lados **teria** (28g) que sofrer... quer dizer ou a mulher

[

L1-

()

L2- se dedica... inteiramente à carreira e aí... co/com prejuízo... dela como mãe como dona de casa... ou então ela se dedica exclusivamente... à dona de casa e à mãe e aí com prejuízo da carreira... quer dizer então eu acho uma carreira BOa para mulher nessas condições a carreira que a gente pode:... resolver todos os problemas... sem:: prejudicar nenhuma parte... não é?

(NURC/SP-D2 360 l. 646-677).

(29) Doc. – qual **seria** (29a) a tradução direta desse *head hunter*?

L2- éh éh... **seria** (29b) um contato direto... éh e/eles telefonam... falam:: com a pessoa... através de uma mensagem... que que de modo nenhum pode ser identificada porque que começa com a pessoa pode estar muitíssimo bem no lugar que está e de maneira nenhuma pensando em sair... então... o telefonema de alguém ah:: intermediário de um concorrente pode complicar a situação DA pessoa naquela empresa...

(NURC/SP-D2 360 l. 1043-1051)

(30) Doc. agora... por exemplo assim nas escolas onde há::... éh::... uma parte assim artística com a (aula) de cultura qual que **seria** (30a) o material? ... que **levaria** (30b) ahn?

L1- bom prá aula de música a::acredito que não precisa material né?
..... mas a escola eu acho que não tem escola nenhuma que faça esse... esse tipo de ensinamento SÓ na universidade... mas ginásio primeiro grau e segundo

Doc. () escolinha de arte ()

[

L1- sim esse tipo de escola à parte né?... mas no currículo... escolar... quer dizer **seria**... (30c)

[

Doc. fazem parte

[

L1-

hein?

Doc. nessa escolinha fazendo parte do currículo.

(NURC/SSA-DID 231 p. 12 e 13)

(31) Loc. a alimentação de outros estados é bem diferente daqui do Rio... sabe?

Doc. [

você foi ao sul... ao norte? como é que você **compararia**? ()

Loc. [

é... a do sul é mais parecida com a da/ a nossa...

(NURC/RJ-DID 328 l. 111-116)

O valor de **posterioridade nocional de desejo** aparece em (13a), (18b,d), (32), (33), que têm condições pressupostas tais como “se fosse possível”, “se eu pudesse”. Este uso é próprio de textos injuntivos.

(32) L2- () realmente deve ser uma delícia ter uma família gran/ bem grande com bastante gente... eu sou filha única... ah tenho um irmão de treze anos... mas **gostaria** deMAIS de ter tido... mais irmãos... porque quando::... com meu irmão eu já:: já tinha curso universitário já já tinha saído da faculdade quer dizer então não tem quase que vantagem nenhuma não é?

(NURC/SP-D2 360 l. 63-69)

(33) L2- eu pelo menos desisti não se toca mais no assunto... mas realmente então está encerrado mas **gostaríamos** demais de mais filhos... embora eu fique quase biruta... ((risos))

(NURC/SP-D2 360 l. 90-93)

De todos estes valores o mais concreto, no sentido de ter uma relação direta com o mundo real, é o temporal cronológico porque ele corresponde à seqüência das situações no tempo do mundo real.

Pelo que se pode observar no quadro 1, as quantificações ali registradas não permitem fazer nenhuma descoberta interessante sobre a distribuição dos diferentes usos e valores do futuro do pretérito pelos diferentes tipos de inquérito, mesmo no que diz respeito a sua distribuição em diálogos (D2 e DID) e

monólogos (EF). Pode-se todavia observar que os valores do futuro do pretérito ligados à “posterioridade nocional” (88,16%) são muito mais freqüentes que os valores ligados à “posterioridade temporal” (11,84%). Contudo não se pode afirmar que isto seja uma tendência da língua falada (e mesmo da língua em geral), porque, como vimos, os valores ligados à posterioridade temporal (seja no uso cronológico, seja no uso temporal) tendem mais a ocorrer em textos narrativos passados e os trechos desse tipo textual no “corpus” analisado se reduz a umas poucas pequenas passagens, uma vez que os inquéritos do NURC que compõem o “corpus” mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado são basicamente dissertativos. É preciso registrar este fato, embora seja esperável que a tendência se confirme, mesmo se tomarmos um “corpus” equilibrado em termos da quantidade de textos dos tipos básicos para a composição de textos (descrição, dissertação, injunção, narração), pois não são muitas as circunstâncias em que o falante precisa fazer um uso polifônico do futuro do pretérito ou um uso com o valor de posterioridade temporal cronológica para indicar um fato passado que se realizou posteriormente a outro fato também passado. Mas isto é uma hipótese a confirmar através de um estudo como o que acabamos de sugerir. Um outro fato digno de nota nas quantificações feitas diz respeito à evidente predominância do uso do futuro do pretérito com o valor de “posterioridade nocional de condição” com mais da metade das ocorrências (55,26%) e se, como sugerimos na conclusão, juntarmos a ele as ocorrências com valor de “posterioridade nocional de possibilidade”(17,11%) teremos um total de 72,37% das ocorrências com este valor, ou seja, praticamente dois terços das ocorrências de futuro do pretérito. Esta parece ser não só uma tendência da língua oral, mas também da língua escrita e, como a primeira hipótese sobre a “posterioridade nocional” como um todo, algo a se confirmar através do mesmo estudo. Assim teríamos a seguinte escala decrescente de freqüência para o uso dos valores do futuro do pretérito:

- (34) posterioridade nocional de condição e possibilidade > posterioridade nocional de polidez e desejo > posterioridade temporal cronológica e polifônica.

Diante do exposto, poder-se-ia questionar, tendo em vista o quadro de valores do futuro do pretérito, se, na verdade, não se teria duas formas verbais em vez de uma: o futuro do pretérito (que corresponderia ao valor temporal) e o condicional (que corresponderia ao valor nocional). Este segundo freqüentemente abordado como valores modais do primeiro. Se não tivéssemos o valor básico de posterioridade unindo todas as formas, prevaleceria a segunda hipó-

tese (a da existência de duas formas no Português). Todavia, como se tem o valor de posterioridade como fundamental e capaz de explicar todos os valores com que a forma chamada “futuro do pretérito” aparece em seus usos, parece que este fato é argumento bastante forte para sustentar e recomendar a opção pela primeira hipótese: a de que se tem apenas uma forma com um valor básico (posterioridade) do qual derivam todos os valores com que a forma aparece em seu uso nos textos da língua. Esta hipótese é preferível, portanto, por ser mais generalizante e ter maior poder explicativo.

3. Conclusão

Como se viu não é conveniente descrever o futuro do pretérito como uma forma verbal que marca futuro em relação a um momento do passado como habitualmente se tem feito, dizendo que este é seu valor temporal e que os demais usos são usos modais. Tal caracterização só é válida para o valor de posterioridade temporal cronológica em narrações passadas. Na verdade o futuro do pretérito marca posterioridade em relação a um momento do passado, do presente ou do futuro (o momento de que se fala, seja ele representado por outra situação ou por uma marcação qualquer de um momento). Essa posterioridade só é concreta e temporal em casos de narrações de fatos passados. Nos demais casos a posterioridade é mais ou menos “abstrata”, “metafórica”, “lógica” noções a que quisemos fugir devido ao seu comprometimento, o que buscamos fazer chamando essa posterioridade de nocional, sempre na base da relação “**condição** → **condicionado**” em que a primeira precede a segunda em termos de realização: a condição precisa existir primeiro para “depois” surgir o condicionado. Isto pode ser mais ou menos próximo do temporal o que levou Martin e Net (1981) a proporem a escala: condicional temporal > condicional modal > condicional hipotético (cf. esquema em 2.2), numa alusão ao fato de que há usos do futuro do pretérito que são mais ou menos próximos da seqüência cronológica do mundo real. Nos textos narrativos em que as seqüências cronológicas de situações (ações) são a essência mesma do texto a posterioridade temporal cronológica tem mais chance de surgir. Nos demais tipos de textos prevalece a seqüência do tipo nocional por diferentes razões. Assim, na dissertação e descrição cuja essência é a simultaneidade cronológica das situações⁸, o que prevalece é a seqüência lógica/nocional do tipo “**condição** → **condicionado**”, que, dependendo de como a condição é apresentada, gera diferentes valores (condição, possibilidade, cortesia, desejo). Por ser marcador de posterioridade e atribuir sempre realização virtual à situação que

expressa em relação ao momento X (momento de que se fala, momento de referência) o futuro do pretérito gera complementarmente os valores de incerteza, hipótese, dúvida, probabilidade (e daí também o de não comprometimento no uso polifônico), sobretudo fora das narrações passadas (em que as situações, embora virtuais em relação ao momento X, são realizadas e reais no momento da fala). Talvez seja possível reduzir os valores nocionais a apenas dois. Para isto juntar-se-iam num só caso:

a) por um lado valores de condição e possibilidade que parecem se distinguir tão somente pelo fato de a condição aparecer explicitamente no contexto como condição ou ser inferível a partir do co-texto (condição) ou ser inferível da situação ou do conhecimento de mundo (possibilidade);

b) por outro lado valores de polidez e desejo, ambos com condição pressuposta, e distinguindo-se tão somente por ser a expressão de uma solicitação (polidez) ou de uma vontade (desejo). Pode-se inclusive argumentar que neste segundo caso tem-se uma vontade expressa de modo polido em oposição ao presente do indicativo em que o desejo é mais imposto diante do interlocutor e, além disso, em muitos casos, é difícil distinguir se temos uma solicitação polida ou um desejo (como nas perguntas do documentador que elencamos como casos de polidez). Confronte (35a) com (35b) para a solicitação e (35c) e (35d) para o desejo.

- (35) a – Você me empresta seu livro?
b – Você me emprestaria seu livro?
c – Quero ir ao cinema.
d – Gostaria de ir ao cinema.

De tudo isto parece se poder dizer que o futuro do pretérito tem como valor básico a marcação de posterioridade, derivando daí todos os usos particulares, com os diversos valores e nuances que têm sido levantados nas análises de ocorrências. Esta, sem dúvida, é uma generalização altamente desejável para a descrição do funcionamento do verbo no Português não só na modalidade falada, mas também na escrita. Ou é (seria) preferível dizer (para não se comprometer/se se desejar não se comprometer): (Se se confirmar a análise aqui proposta) esta seria uma generalização altamente desejável para a descrição do funcionamento do verbo no Português não só na língua falada, mas também na língua escrita.

Também, como vimos, a relação dos usos e valores do futuro do pretérito com tipos textuais se dá muito menos com tipos tais como diálogo/monólogo e muito mais com tipos como descrição/dissertação/injunção/narração.

Uberlândia, novembro de 1995.

NOTAS

- ¹ Este inquérito é constituído por uma gravação secreta e foi gentilmente cedido a nós pelo professor Dino Preti. A transcrição que recebemos deste inquérito (SP-59) é diferente dos inquéritos do NURC, publicados em São Paulo, pois o transcritor buscou registrar certos fatos fonéticos. Respeitamos a transcrição feita.
- ² Estamos empregando o termo situação para referir todos os tipos de processos que podem ser indicados pelo verbo e seus complementos: ações, fatos, fenômenos, estados etc.
- ³ Segundo Said Ali (1964: 165) se na asserção condicionada nos referimos “a um fato cuja realização esperamos ou, pelo menos, não julgamos impossível, empregamos o futuro do presente”.
- ⁴ Na definição de Corôa (1985: 42) estes três momentos são:
 - a) “Momento do Evento (ME): é o momento em que se dá o evento (processo ou ação) descrito; é o tempo da predicação.”;
 - b) “Momento da Fala (MF): é o momento da realização da fala; momento em que se faz a enunciação sobre o evento (processo ou ação); é o tempo da comunicação.”;
 - c) “Momento de Referência (MR): é o tempo da referência; o sistema temporal fixo com respeito ao qual se define simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva do tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte, para a contemplação do ME.”
- ⁵ Martin, R. e Nef, F. (1981). “Le futur linguistique: temps linéaire ou temps ramifié?” in *Langages, Le temps gramatical*, dec. 1981:81-92.
- ⁶ Cf. Travaglia (1991:173-174).
- ⁷ Este exemplo (16) não é do “corpus” citado, mas foi construído pelo autor para mostrar os fatos em foco.
- ⁸ Cf. Travaglia (1991).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo (1968) *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo, Nacional.

- CALLOU, Dinah Maria Isensee e LOPES, Célia Regina (orgs.) (1993) *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro – Vol. II: Diálogo entre informante e documentador*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de e PRETI, Dino (orgs.) (1986). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo – Vol. I: Elocuções formais*. São Paulo, T.A. Queiroz Editor.
- _____. (1987) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo – Vol. II: Diálogos entre dois informantes*. São Paulo, T.A. Queiroz Editor/FAPESP.
- CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales (1985). *O tempo nos verbos do Português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília, Thesaurus.
- CUNHA, Celso (1972) *Gramática do Português contemporâneo*. Belo Horizonte, Bernardo Álvares.
- SAID ALI, M. (1964) *Gramática secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1991) *Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil*. Campinas, Tese de doutorado – UNICAMP/IEL.